



## O MOVIMENTO *LEIA MULHERES* NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE: UMA PERSPECTIVA

### *THE READ WOMEN MOVEMENT IN THE CITY OF CAMPINA GRANDE: A PERSPECTIVE*

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Josilene Pinheiro-Mariz<sup>i</sup>

Márcia Cybelle Santos Leite<sup>ii</sup>

**RESUMO** – Pensar na teoria crítica literária feminista provoca certo desassossego, pois instiga as nossas memórias de leitura como estudantes da graduação em Letras e como leitoras, mesmo fora do âmbito acadêmico. Então, o apagamento das mulheres no cânone literário brasileiro, refletido na escassez de estudos de obras literárias de autoria feminina, nas disciplinas cursadas na graduação revela uma maioria composta por autores homens. Assim, neste artigo, apresentamos o *Leia Mulheres*, com base em matérias, estudos e

pesquisas publicados sobre este movimento e, na sequência, detemo-nos às atividades do grupo formado na cidade de Campina Grande/PB, quando passamos à análise das escolhas de leitura realizadas pelo grupo, nos anos 2023 e 2024. Para tal leitura, levamos em consideração a diversidade de gêneros literários e as recorrências temáticas apresentadas nas obras (WALSH, 2014; OYÉWÚMÍ, 2020). A origem geográfica das autoras e o recorte temporal das obras, bem como os aspectos relacionados à identidade das escritoras, aos meios de



# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 4      Ano II      setembro/2025  
ISSN 3085-7309

publicação e ao reconhecimento crítico obtido são foco do nosso olhar. Com isso, buscamos compreender de que modo essas obras expressam a multiplicidade de experiências atravessadas por marcadores de gênero, etnia, raça, classe e região, revelando tanto continuidades quanto rupturas em relação ao cânone literário.

**PALAVRAS-CHAVE** – Leia mulheres; literatura de autoria feminina; Campina Grande.

**ABSTRACT** - Contemplating a critical feminist literary theory provoked a certain despair and inspired our literary memories as graduate students in literature and as readers, even for an academic. Thus, the disengagement of women from the Brazilian literary canon, reflected in the scarcity of studies of literary works by female authors in undergraduate courses, reveals a majority composed of male authors. Thus, in this article, we present *Leia Mulheres*, based on articles, studies,

and research published on this movement. We then focus on the activities of the group formed in Campina Grande, Paraíba, analyzing the group's literary choices in 2023 and 2024. For this analysis, we take into account the diversity of literary genes and the thematic recurrences presented in our articles, the geographic origin of the authors and the time frame of the subjects, as well as aspects related to the writers' identity, their best publications, and the critical recognition achieved by our original image (WALSH, 2014; OYĚWŪMÍ, 2020). Thus, we understand how this mode of interpretation in these works expresses a multiplicity of experiences acquired by markers of gender, ethnicity, race, class, and region, revealing both continuities and ruptures in relation to the literary canon.

**KEYWORDS** – *Leia mulheres*; literature by female authors; Campina Grande.

## Introdução: o *Leia Mulheres*

Com a proposta de dar visibilidade à produção literária de mulheres escritoras, em 2014, por meio de redes sociais virtuais, a escritora e ilustradora Joanna

Walsh propôs o projeto #readwomen2014 (#leiamulheres2014), manifestação virtual que teve como objetivo incentivar a leitura de obras escritas por mulheres. No artigo intitulado *#Readwomen2014: the next chapter*



# IMAGENS EM FOCO

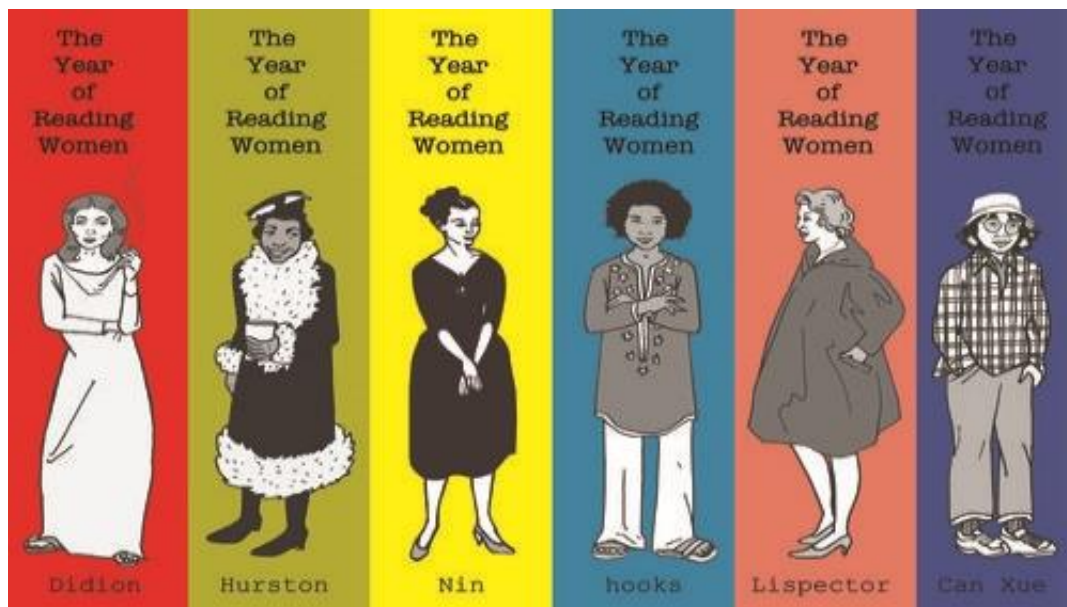
Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 4      Ano II      setembro/2025  
ISSN 3085-7309

(#Leiamulheres2014: o próximo capítulo), publicado no *The Guardian* (2014), Walsh nos conta que iniciou sua campanha virtual entre amigos, quando criou alguns cartões de Ano Novo, em formato de marcador de livros, com ilustrações de escritoras cujas obras ela havia lido recentemente, e lhes pediu, por meio de uma rede social virtual, que contribuíssem com uma lista de autoras mulheres para colocar no verso desses cartões.

Inicialmente, Walsh havia listado 250 nomes, quando a proposta se

disseminou e internautas começaram a lhe pedir para acrescentar outros nomes à lista. Em poucos dias, a relação havia sido ampliada para mais de 1.000 nomes de escritoras. Segundo a escritora (2014), “o #Readwomen2014 não aconteceu porque [ela desenhou] alguns cartões. Aconteceu porque, em janeiro daquele ano [2014], gênero na literatura tornou-se repentinamente algo que todos queriam discutir”.

FIGURA 1



Cartões criados pela escritora e ilustradora Joanna Walsh

Fonte: *The Guardian*, 2014.



# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 4      Ano II      setembro/2025  
ISSN 3085-7309

Ainda segundo Walsh (2014), a iniciativa provocada pela *hashtag* não se referiu especificamente a nenhuma escritora nem estava atrelada a qualquer campanha editorial, apenas “se baseou nas ações de todos os que se engajaram nela – quer tenham lido, publicado ou promovido exclusivamente escritoras durante todo o ano, quer tenham simplesmente escolhido um livro de uma escritora que talvez não tivessem considerado antes”. (WALSH, 2014, tradução nossa).

Em outro artigo, intitulado *Will #readwomen2014 change our sexist reading habits?* (Será que *#readwomen2014* mudará nossos hábitos de leitura sexistas?), também publicado no *The Guardian* (2014), Walsh revela o seu contentamento com a repercussão da iniciativa:

Tem sido emocionante ver algumas das formas como a *hashtag* tem sido usada: como incentivo pessoal; grito de guerra; celebração de conquistas recentes [...] e de autoras que deveriam ser mais conhecidas. Ela tem sido usada para discutir a literatura feminina e para

conectar projetos de “mulheres leitoras” em todo o mundo. (WALSH, 2014, tradução nossa)<sup>1</sup>.

Inspirada no projeto *#readwomen*, em 2015, a brasileira Juliana Gomes convidou as amigas Juliana Leuenroth e Michelle Henriques para transformarem a provocação de Joanna Walsh em um movimento presencial, com a realização de encontros em livrarias, sebos ou outros espaços culturais, para a leitura e discussão de obras de autoria feminina. (**Leia Mulheres**, 2023).

De acordo com matéria de Ísis Vergílio, intitulada *Leia Mulheres: projeto valoriza a produção intelectual feminina e dá 9 dicas de leitura*, publicada na **Revista Elle** (2021), o primeiro encontro do *Leia Mulheres* ocorreu em São Paulo, no mês de março de 2015, e a obra escolhida foi *A redoma de vidro*, da escritora estadunidense Sylvia Plath. Com a repercussão do encontro realizado na capital paulista, o *Leia Mulheres* despertou

<sup>1</sup> “It has been exciting to see some of the ways the hashtag has been used: as a personal incentive; a rallying cry; a celebration of recent achievements [...] and of authors who should be better known. It has been used to discuss women's writing,

and to link up ‘read women’ projects around the world.” (WALSH, 2014). Disponível em: <https://www.theguardian.com/lifeandstyle/womens-blog/2014/jan/20/read-women-2014-change-sexist-reading-habits>. Acesso em: 7 set. 2025.



# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 4      Ano II      setembro/2025  
ISSN 3085-7309

o interesse de outras leitoras, que o replicaram, em seguida, no Rio de Janeiro e em Curitiba.

Num ciclo continuado, as idealizadoras do movimento continuaram a receber inúmeras manifestações de interesse na formação de círculos do Leia Mulheres em outras cidades, tanto que, apenas no primeiro ano de criação do projeto, haviam sido criados, de forma voluntária, grupos em quase 30 cidades. Nesse momento, elas decidiram adotar uma metodologia que possibilitasse a criação de novos grupos, dinâmica esta que prezasse por não comprometer os princípios que fundamentam o Leia Mulheres. Assim, a formação dos grupos segue algumas normas, conforme explica Juliana Leuenroth, umas das idealizadoras do movimento no Brasil:

O clube, apesar de horizontal, segue algumas diretrizes básicas por compreender que cada cidade tem sua particularidade. O encontro precisa ser realizado em um espaço aberto e também tem que ser aberto ao público. Homens podem participar do clube, mas somente mulheres podem ser mediadoras. A escolha do espaço deve ser de fácil acesso. O livro escolhido deve respeitar alguns critérios como não ser caro e nem ser um título esgotado. A grande maioria

de mediadores e curadores são homens, pensar em uma metodologia é um jeito de valorizar e priorizar, incentivando mulheres que antes não eram vistas, tampouco reconhecidas. (LEUENROTH, 2021).

Desde então, o movimento Leia Mulheres vem se expandindo, conforme podemos verificar no *site* oficial do movimento, que informa a existência de grupos de leitura em inúmeros municípios de todos os estados do Brasil, e também em cidades fora do país, como Berlim (Alemanha), Lisboa e Porto (Portugal) e Zurique (Suíça). A expansão e a capilaridade da iniciativa por diversas cidades do país indicam certo consenso em torno da proposta de se trazer visibilidade, valorização e reconhecimento para as mulheres no campo literário.

Neste artigo, portanto, damos enfoque ao Leia Mulheres da cidade paraibana de Campina Grande, destacando as principais motivações para as escolhas das obras lidas ao longo dos anos de 2023 e 2024. Com o apoio de trabalhos já publicados sobre o tema, movimento Leia Mulheres, destacaremos as características desse grupo do qual participamos.



# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 4      Ano II      setembro/2025  
ISSN 3085-7309

## **Leia Mulheres de Campina Grande-PB: escolhas de leituras e multiplicidade de vozes**

Nesse sentido, podemos pensar que a popularização do feminismo, nas últimas décadas, se revela como um fator a ser considerado para compreendermos um contexto social que favorece a capilaridade desses grupos de leitura. Afinal, a ampliação e o fortalecimento das discussões feministas em diferentes esferas sociais – seja por meio da academia, das redes sociais e dos movimentos sociais e culturais – contribuem para a sensibilização e formação acerca das desigualdades de gênero em todas as esferas do campo social, incluído o literário.

Por esse viés, a constituição de grupos de leitura de obras de autoria feminina não se limita a uma prática estética, mas constitui também um gesto político, que reivindica visibilidade e legitimação para vozes historicamente marginalizadas. Além disso, o feminismo trouxe para o debate público temas relacionados à representatividade, à diversidade de experiências e à necessidade de espaços coletivos de escuta e partilha, o que favorece a adesão a iniciativas como os clubes de leitura de obras produzidas por mulheres.

Tais grupos não apenas estimulam o hábito de leitura, mas também criam comunidades que aguçam o senso crítico, nas quais a literatura faz emergir sensibilidades e reflexões sobre as múltiplas dimensões da vida das mulheres, alimentando práticas culturais engajadas com a transformação social.

Em geral, os grupos de leitura do Leia Mulheres se reúnem mensalmente, quando as obras são discutidas pelas integrantes, sob a mediação das fomentadoras de cada grupo. Os grupos têm por objetivo promover a visibilidade de obras de autoras brasileiras e estrangeiras, de modo a revelar produções literárias tanto contemporâneas quanto aquelas que foram historicamente sub-representadas, ou mesmo invisibilizadas, pelo mercado editorial e/ou desconsideradas pela crítica.

Ao mesmo tempo, buscam criar espaços de leitura democrática, não acadêmica, onde leituras de obras de autoria feminina são valorizadas, debatidas, questionadas, o que contribui a desafiar estereótipos e mudar imaginários; fomentam o empoderamento das mulheres participantes, visto que ler autoras,



# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 4      Ano II      setembro/2025  
ISSN 3085-7309

compartilhar leituras, discutir temas de gênero fortalecem a autoimagem, a consciência crítica e a coletividade; e contribuem para promover reorientações no mercado editorial, pois demandam mais publicações de autoras e, conseqüentemente, mais diversidade de vozes, mostrando que há público interessado.

Cabe pontuar que, cada vez mais, grupos de leitura que se debruçam sobre obras de autoria feminina têm se espalhado pelo país. Além da iniciativa do movimento Leia Mulheres, há uma profusão de grupos de leitura sendo criados que, além das questões de gênero, incluem os recortes de raça, etnia e classe para a seleção de obras a serem lidas em seus contextos, propondo-se a discutir obras produzidas por mulheres indígenas, negras e das classes subalternizadas. Ao dialogar com as narrativas e experiências dessas autoras, esses grupos de leitura são convocados a refletir sobre tais questões, e, com isso, rever seus próprios privilégios e preconceitos.

Nesse sentido, percebemos que os grupos de leitura de obras de autoria feminina, configuram-se como espaços que fomentam a circulação e

a recepção de obras produzidas por mulheres, trazendo à cena outras vozes, “numa atitude de renovação e não de perpetuação de ideologias hegemônicas, como a patriarcal” (ZOLIN, 2009, p. 335), reconhecendo a literatura como espaço da pluralidade de vozes e sendo propulsores do encontro com subjetividades que, por décadas, foram silenciadas e invisibilizadas.

Cabe ressaltar que o Leia Mulheres disponibiliza, em seu *site*, um conjunto de resenhas críticas referentes aos livros lidos no contexto dos grupos de leitura, contabilizando, atualmente, 190 resenhas. Esses textos são de autoria das participantes dos diversos grupos que compõem o Leia Mulheres e a publicação destes amplia o alcance das experiências de leitura partilhadas no centro dos encontros.

Nesse sentido, o *site* configura-se como um espaço de legitimação, onde o ato de ler e de escrever se enovelam em um movimento contínuo de resistência e afirmação da mulher no campo literário. Em determinado trecho do capítulo *Ler: uma operação de caça* (2014), ao analisar o cerceamento que a Igreja impunha aos fiéis em relação ao texto bíblico,



# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 4      Ano II      setembro/2025  
ISSN 3085-7309

a “Escritura”, com vistas a controlar o que poderia ser lido, Certeau (2014) afirma:

Com o enfraquecimento da instituição, aparece entre o texto e seus leitores a reciprocidade que ela [Igreja] escondia, como se, em se retirando, ela permitisse ver a pluralidade indefinida das “escrituras” produzidas por diversas leituras. A criatividade do leitor vai crescendo à medida que vai decrescendo a instituição que a controlava. (CERTEAU, 2014, p. 243).

Espaços não institucionalizados, inseridos no cotidiano prosaico – e poético – do mundo, os grupos do *Leia Mulheres* favorecem a leitura e a produção de resenhas críticas sobre as obras lidas por mulheres de diferentes contextos e posições sociais. Com base na perspectiva de Certeau (2014), podemos inferir que essa produção, tecida por leitoras “não autorizadas”, porque não especialistas, emerge da natureza não institucionalizada e, portanto, não controlada que configura os grupos de leitura.

Ao constatarem que algumas das mulheres que mediavam os grupos espalhados pelo país, além de leitoras, também se afirmavam como escritoras, as idealizadoras do movimento organizaram a

publicação da obra intitulada **Leia Mulheres: contos** (volume I), que apresenta uma coletânea de contos escritos por essas participantes. No *site* da editora Jandaíra, meio editorial que publicou a coletânea, consta a seguinte apresentação do livro:

Que tal ler mais mulheres? A provocação da escritora inglesa Joanna Walsh inspirou Juliana Gomes a criar, com as amigas Juliana Leuenroth e Michelle Henriques, o clube de leitura *Leia Mulheres* em São Paulo. Muitas mediadoras que assumiram para si a missão de promover clubes em suas cidades também escrevem – e são a maioria das autoras dos 23 contos deste volume, além de autoras convidadas. Outros seis são resultado de concursos promovidos pelo Sweek, plataforma de compartilhamento de conteúdo literário e parceira neste volume. Os textos passam pelo humor, pela tragédia, pela melancolia, pelo afrofuturismo, pelo suspense, pelo terror. As vozes das mulheres são múltiplas, com diversidade de origens e temas. E vêm com a potência de quem tem muito a dizer. (EDITORA JANDAÍRA, 2019).

Além do papel de leitoras, percebemos que essas mulheres também se inscrevem no mundo como escritoras, algumas delas, inclusive, com obras individuais, publicadas por meio de editoras independentes e lidas pelos grupos espalhados pelo país. Nessa trama, o



# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 4      Ano II      setembro/2025  
ISSN 3085-7309

Leia Mulheres assume um caráter dinâmico e multifacetado, que não apenas promove a leitura e a circulação de livros escritos por mulheres, mas que também fomenta a criação e a crítica literária e fortalece redes de colaboração entre leitoras, críticas e autoras.

Na Paraíba, há grupos do Leia Mulheres formados nos municípios de Areia, Cajazeiras, Campina Grande, Esperança, João Pessoa, Pedras de Fogo e Santa Rita, tendo

sido o grupo de Campina Grande o primeiro formado na Paraíba, no ano de 2016. Conforme consta nas redes sociais do Leia Mulheres de Campina Grande, o projeto foi iniciado na cidade pela mediadora Samuely Laurentino, e o primeiro encontro ocorreu no dia 28 de janeiro de 2016, na Biblioteca do Teatro Municipal Severino Cabral, para discussão da obra *O sol é para todos*, da escritora estadunidense Harper Lee.

FIGURA 2



Card de divulgação do primeiro encontro do Leia Mulheres de CG  
Fonte: Facebook do Leia Mulheres de Campina Grande, 2016



# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 4      Ano II      setembro/2025  
ISSN 3085-7309

Considerando-se o ano de início do movimento, observa-se que a cidade de Campina Grande é, portanto, uma das primeiras do Brasil a iniciar o coletivo de leitura literária de autoras, embora, evidentemente, não seja um círculo fechado apenas para mulheres.

No mesmo ano, Renata Oliveira, que participa do grupo desde o seu primeiro encontro, juntou-se a Samuely Laurentino como mediadora das leituras no grupo. Além delas, outras mulheres já mediarão os encontros do grupo, como Alianna Silva, Jéssica Salvino, Maria Júlia Salviano e Raquel Silva. Atualmente, o Leia Mulheres de Campina Grande é mediado por Emanuella Alves, jornalista; Renata Oliveira, psicóloga e escritora; e Vitória Medeiros, psicóloga. Em Campina Grande, o grupo se reúne uma vez por mês, de forma presencial, para discutir obras de autoras nacionais e internacionais, escritas nos mais diversos gêneros – autobiografia, ensaio, poema, conto, romance, entre outros.

O coletivo apresenta uma composição de público bastante dinâmica, marcada por um fluxo constante de entradas e saídas que confere vitalidade às suas

atividades. A cada mês, novas participantes se somam ao grupo, atraídas tanto pela proposta de leitura compartilhada quanto pela possibilidade de troca de experiências e convivência em um espaço de escuta e acolhimento. Paralelamente, há um núcleo de leitoras que se mantém mais constante ao longo do tempo, comparecendo com regularidade e participando ativamente da maioria das discussões em torno das obras selecionadas. Essas presenças recorrentes acabam por constituir uma espécie de base sólida para o coletivo, funcionando como elo de continuidade entre os diferentes encontros.

Considerando os encontros dos quais tive a oportunidade de participar, pude observar que a média de mulheres presentes oscila entre 10 e 20 integrantes, número que possibilita tanto a formação de um ambiente intimista, propício à partilha de impressões pessoais, quanto a riqueza de perspectivas diversas trazidas pelas diferentes trajetórias das participantes.

Entretanto, registros fotográficos publicados nas redes sociais do coletivo revelam que a dimensão desses encontros pode variar



significativamente. Em algumas ocasiões, especialmente em eventos mais pontuais ou de maior visibilidade, o público ultrapassa com facilidade a marca de 30 participantes, chegando, em determinados momentos, a reunir

mais de 40 pessoas. Essa ampliação do número de integrantes evidencia não apenas o alcance da iniciativa, mas também sua capacidade de mobilização e de articulação com pautas sociais mais amplas.

**FIGURA 3**



**Foto do encontro realizado em março de 2018**

Fonte: *Facebook* do Leia Mulheres de Campina Grande, 2018

Além disso, o interesse ampliado por essas atividades durante o mês de março revela como a literatura pode operar como instrumento de mobilização social e de afirmação

identitária. Ao colocar em destaque obras escritas por mulheres muitas vezes invisibilizadas nos circuitos literários tradicionais, o coletivo contribui para a desconstrução de



# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 4      Ano II      setembro/2025  
ISSN 3085-7309

cânones estabelecidos e para a promoção de outras vozes e perspectivas no campo da produção cultural.

Assim, a maior adesão aos encontros nesse período não se explica apenas por um fator

comemorativo, mas também pela potência simbólica e política que tais espaços representam no processo de fortalecimento das mulheres enquanto sujeitos históricos e protagonistas de suas próprias narrativas.

**FIGURA 4**



**Foto do encontro realizado em março de 2023**

Fonte: *Instagram* do Leia Mulheres de Campina Grande, 2018.

Em cada encontro do Leia Mulheres de Campina Grande, ao final das discussões tecidas acerca da obra lida, as participantes do grupo apresentam, voluntariamente, propostas de obras

a serem lidas para discussão no encontro subsequente. Em geral, as mediadoras iniciam o diálogo e as conversas sobre as leituras acontecem de forma livre, espontânea, não controlada, com



# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 4      Ano II      setembro/2025  
ISSN 3085-7309

falas que se entrelaçam e que, raramente, se sobrepõem ou se atropelam. Nesse sentido, parece haver algum acordo tácito, implícito, para que as falas fluam sem serem interrompidas.

Essa dinâmica denota um arranjo em que as participantes parecem se dispor a ouvirem-se umas às outras. Nas palavras de Bajour (2012, p. 19), “[...] Esse ouvir transformado supõe intencionalidade, consciência, atividade, não apenas um registro passivo e por vezes distraído dos sons do outro”. Sob essa ótica, trata-se de um ato que demanda presença plena e engajamento, em que a escuta deixa de ser apenas uma recepção mecânica de informações para se constituir em uma prática relacional, que envolve abertura, disponibilidade e responsabilidade diante do que é compartilhado.

Nesse sentido, ouvir não é apenas captar sons, mas acolher significados, gestos, silêncios e afetos que acompanham a fala. Implica reconhecer no outro um sujeito que se expressa a partir de sua experiência e de sua história, o que exige um esforço ativo de compreensão e interpretação. Tal escuta pressupõe uma postura ética, que ultrapassa a esfera individual e

se inscreve em uma dimensão coletiva: ouvir verdadeiramente é também reconhecer a legitimidade da voz que se manifesta e o direito de ser escutada em sua singularidade.

Por esse prisma, entendemos que o ato de escutar transforma-se em um exercício de atenção e de diálogo, em que o ouvinte se coloca como parte de uma relação dinâmica, disposto não apenas a receber, mas também a ser afetado pelo que ouve. Esse movimento rompe com a ideia de neutralidade ou passividade, revelando que a escuta engajada é um processo ativo de construção de sentido, que pode gerar deslocamentos, aprendizagens e transformações mútuas.

Em alguns momentos, trechos dos livros são oralizados. As conversas ora contemplam aspectos das obras, como tema(s) central(is), enredo, personagens, linguagem e estilo da autora; ora consideram as correlações percebidas com obras lidas anteriormente ou com acontecimentos da vida privada ou social. Silêncios compõem essas conversas, pois o espaço é também de escuta. Assim, os sentidos vão sendo tecidos num alinhavado de falas, escutas, gestos e silêncios. Nesse caminho, ouçamos Bajour (2012):



# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 4      Ano II      setembro/2025  
ISSN 3085-7309

A democracia da palavra compartilhada implica [...] o encontro intersubjetivo de vontades que aceitem o outro em sua diferença e estejam dispostas a enriquecer a vida, a leitura e a própria visão de mundo com essa diferença, mesmo que não concordem com ela. Construir significados com outros sem precisar concluí-los é condição fundamental da escuta, e isso supõe a consciência de que a construção de sentidos nunca é um ato meramente individual. (BAJOUR, 2012, p. 25).

Um acordo, este sim apalavrado entre as participantes, estabelece que a escolha das leituras deve intercalar, a cada mês, obras de autoras nacionais e estrangeiras, de modo a assegurar um equilíbrio entre a valorização da produção literária brasileira e a abertura para obras de autoras de outros países, ampliando o repertório intercultural das integrantes do grupo.

Essa alternância organiza a dinâmica de escolha dos livros, permitindo, por um lado, dar visibilidade a escritoras locais e nacionais que, muitas vezes, enfrentam maiores dificuldades de circulação de suas obras; e, por outro, promover o contato com perspectivas estéticas, históricas e socioculturais presentes em obras de autoras de outras partes do mundo.

Ao longo dos seus nove anos de existência, o grupo tem selecionado, para leitura e discussão, obras de autoras brasileiras e estrangeiras, acolhendo corpo diverso de escritoras, a exemplo de Alice Walker, Amara Moira, Ana Cristina César, Angela Davis, bell hooks, Carolina Maria de Jesus, Cecília Meireles, Chimamanda Ngozi, Clarice Lispector, Conceição Evaristo, Hilda Hilst, Jane Austen, Laerte Coutinho, Lygia Fagundes Telles, Márcia Kambeba, Márcia Tiburi, Maria Firmina dos Reis, Maria Valéria Rezende, Marjani Satrapi, Mary Shelley, Maya Angelou, Rachel de Queiroz, Silvia Federici, Sylvia Plath, Virgínia Woolf, entre outras. A diversidade de autoras selecionadas – nacionais, estrangeiras, negras, indígenas, transgênero – revela que o grupo busca dialogar com uma pluralidade expressiva de vozes.

Para a nossa pesquisa, em especial, nos debruçamos sobre as escolhas das obras para leitura, feitas pelo grupo, nos anos 2023 e 2024, considerando a diversidade de gêneros literários e as recorrências temáticas trazidas pelas obras; a origem geográfica das autoras e o recorte temporal das obras; e os



# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 4      Ano II      setembro/2025  
ISSN 3085-7309

aspectos relacionados à identidade das escritoras, aos meios de publicação e ao reconhecimento crítico obtido.

Nos quadros a seguir, apresentamos as listas das obras

escolhidas para leitura pelas integrantes do grupo Leia Mulheres de Campina Grande, nos referidos anos:

## QUADRO 1

OBRA	AUTORA
<b>A morte é um dia que vale a pena viver</b>	Ana Cláudia Quintana Arantes
<b>Jóquei</b>	Matilde Campilho
<b>A gente mira no amor e acerta na solidão</b>	Ana Suy
<b>Herland: a terra das mulheres</b>	Charlotte Perkins Gilman
<b>E vivemos infelizes para sempre</b>	Renata Rodrigues
<b>O acontecimento</b>	Annie Ernaux
<b>Tudo é rio</b>	Carla Madeira
<b>A elegância do ouriço</b>	Muriel Barbery
<b>O que os cegos estão sonhando?</b>	Noemi Jaffe
<b>A herança dos bem-aventurados</b>	Ayòbámi Adèbáyò
<b>A filha primitiva</b>	Vanessa Passos

### Lista das obras literárias lidas em 2023

Fonte: Arquivo divulgado pelas mediadoras do Leia Mulheres de Campina Grande, por meio de rede social.

No quadro acima, foi possível ver, ainda que de modo geral, temas que dialogam entre as obras, por exemplo, as questões existenciais e a experiência da finitude na obra de Ana Cláudia Quintana Arantes, ressoando no romance da premiada pelo Nobel em 2022, Annie Ernaux,

que coloca em primeiro plano a morte social e simbólica resultante de um aborto clandestino como uma experiência crucial, bem como na narrativa de Carla Madeira em que as trágicas trajetórias dos personagens se entrelaçam com temas de perda, desejo e violência.



# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 4      Ano II      setembro/2025  
ISSN 3085-7309

Já na obra de Noemi Jaffe, o envolvimento com a morte surge por meio da lembrança do Holocausto, em que o ato de escrever surge como um mecanismo de resistência contra o esquecimento. Nesses contextos, a relação com a morte se materializa por meio do confronto do sofrimento, da perda e da vulnerabilidade humana, ao mesmo tempo em que permite a potencial redefinição da vida à luz de tais limitações.

Se voltarmos o nosso olhar para as vozes femininas, observaremos subjetividades e críticas sociais na obra de Charlotte Perkins Gilman, representando uma utopia feminista seminal que prevê uma sociedade composta exclusivamente por mulheres, desafiando assim paradigmas patriarcais arraigados. Tal perspectiva encontra eco na literatura de Vanessa Passos, que narrada em *Fortaleza*, acompanha três gerações de mulheres marcadas por laços de sangue e por rupturas. O destino as aproxima, mas a dor, o abandono, a fé e a descrença as afastam. A avó, mulher negra, oculta da filha a identidade do pai; a filha, branca, enfrenta a luta pela sobrevivência, dedica-se à escrita e recusa a maternidade imposta; já a neta, herdeira da cólera materna,

nasce atravessada pela experiência dolorosa de ser mulher. Semelhantemente, a narrativa de Ayòbámi Adèbáyò situada no contexto nigeriano, investiga dinâmicas de poder, gênero e destino (SANTO; SANTANA, 2024). A obra de Renata Rodrigues e a de Ana Suy, dialogam ao apresentar perspectivas femininas sobre emoções, relacionamentos românticos e as rupturas subjetivas que eles geram.

Observe-se, portanto, que o romance de Ernaux não é apenas como uma narrativa íntima, mas também funciona como uma exposição política que ilustra o controle social exercido sobre o corpo feminino, um tema que ressoa tanto na utopia de Gilman quanto nas narrativas criadas por Passos e Adèbáyò. É preciso ressaltar que coletivamente, essas obras literárias podem ser interpretadas como intervenções que, por meio de metodologias diversas, afirmam a necessidade da voz feminina e iluminam as tensões que existem entre corporeidade, desejo, maternidade e construções sociais.

Se observarmos o estilo e experimentação estética, teremos no romance de Matilde Campinho uma forma de poesia híbrida, em que a



# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 4      Ano II      setembro/2025  
ISSN 3085-7309

linguagem fragmentada dialoga com experiências urbanas e emocionais contemporâneas (Fajardo, 2017). Mesmo classificado como um romance, a narrativa de Muriel Barbery também enfatiza a interação de vozes narrativas e a investigação filosófica como meio de construir subjetividade (Rodrigues, 2055). Ademais, essas narrativas utilizam uma linguagem caracterizada por um lirismo potente, refletindo as qualidades fragmentadas e íntimas predominantes na poesia contemporânea.

Dessa forma, pode-se dizer que essas obras literárias, apesar estarem ancoradas em contextos geográficos e culturais distintos (Brasil, Portugal, França, Nigéria, EUA), envolvem temas existenciais e femininos significativos: vida e morte, amor e solidão, corporeidade e subjetividade, memória e transmissão, bem como críticas a estruturas sociais. Cada um desses textos, de forma única, amplia as possibilidades narrativas em torno da experiência feminina, seja expressa por meio de ficção, poesia, autobiografia ou ensaios.

TABELA 2

OBRA	AUTORA
<b>Antes que seja tarde</b>	Valéria Wanda Xavier
<b>Mulheres e Caça às Bruxas</b>	Silvia Federici
<b>A bolsa amarela</b>	Lygia Bojunga
<b>O diário de Anne Frank</b>	Anne Frank
<b>Minha vida de menina</b>	Helena Morley
<b>O veneno da cobra e da maçã</b>	Bianca Amoras Levy e Fátima Rô
<b>Tirocínio</b>	Renata Oliveira
<b>O vento sabe meu nome</b>	Isabel Allende
<b>Oração para desaparecer</b>	Socorro Acioli
<b>Reivindicação dos direitos da mulher</b>	Mary Wollstonecraft
<b>Volume II. Prosa</b>	Débora Gil Pantaleão
<b>O parque das irmãs magníficas</b>	Camila Sosa Villada



## Lista das obras literárias lidas em 2024

Fonte: Arquivo divulgado pelas mediadoras do Leia Mulheres de Campina Grande, por meio de rede social.

Neste quadro, igualmente, as temáticas permitem um diálogo entre as obras de espaços distintos. Ao nos debruçarmos sobre os gêneros literários das obras escolhidas, nos anos delimitados, identificamos que o acervo se concentra, majoritariamente, em torno da prosa, em narrativas que se corporificam em forma de romances, contos, diários e ensaios feministas.

A essa altura, há de se destacar a heterogeneidade de como o gênero se manifesta nas obras escolhidas, delineando um mosaico de narrativas diversas, que ora passeiam pela linguagem poética, explorando recursos imagéticos e rítmicos que tensionam os limites entre gêneros; ora pelo testemunho, entrelaçando memória e experiência pessoal como matéria literária; ora como ensaio ou crônica, estabelecendo um diálogo mais explícito com teorias e pensamentos que tensionam a condição da mulher em diferentes contextos sociais e épocas. Por sua vez, o gênero poesia se revela em apenas duas obras – *Jóquei*, da poeta lisboeta Matilde

Campilho, e *Tirocínio*, da paraibana Renata Oliveira.

Nesse sentido, parece haver certa predileção do grupo pelo gênero prosa, talvez em razão de sua plasticidade em abarcar diferentes modos de narrar e representar o íntimo, o coletivo e a realidade material do mundo, algo que na poesia se organiza de outras formas, sobremaneira, pela condensação da linguagem entrelaçada à plurissignificação, pela exploração de sons e ritmos, e pela busca de um despertar sensível, impalpável e pouco óbvio, por meio do imagético.

O reduzido quantitativo de obras do gênero poesia talvez ecoe certo entendimento de que “um poema [...] dá trabalho ao leitor e não lhe oferece nenhum prêmio imediato, de prazer narcísico ou de informação prática. E é sobretudo essa falta de compensação, mais do que a dificuldade de leitura, que cria a resistência dos leitores”. (PERRONE-MOISÉS, 2000, p. 30). No entanto, o gênero está presente. Inclusive, uma das obras escolhidas do gênero poesia é de autoria de uma



# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 4      Ano II      setembro/2025  
ISSN 3085-7309

das mediadoras do grupo de leitura, que, para além de leitora, se inscreve como autora de poemas.

Como explanado mais acima, o Leia Mulheres de Campina Grande adotou como metodologia a alternância de leituras de obras de autoras nacionais e estrangeiras, de modo a imprimir algum equilíbrio entre o acesso à produção literária brasileira e à produção de autoras de outros países. No que se refere às autoras brasileiras, ao analisarmos suas cidades de nascimento, é interessante perceber um evidente equilíbrio, e até predominância, quanto à presença de autoras do Norte e Nordeste em relação a autoras do Sul e Sudeste do país.

Das 13 escritoras lidas, sete têm como local de nascimento estados das regiões Norte e Nordeste (Pará, Ceará, Paraíba e Pernambuco) e seis têm origem em estados das regiões Sul e Sudeste (Paraná, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e São Paulo). Sem perder de vista que se trata de um recorte, mas sem desconsiderar o indício que ele nos revela, é interessante perceber que, em sua maioria, as autoras presentes na lista de autoras lidas, nascidas no eixo Norte-Nordeste, não migraram para o eixo Sul-Sudeste, regiões

historicamente hegemônicas na produção e circulação literária brasileira.

As exceções são duas escritoras ambientadas nos séculos XIX e XX, e, ainda assim, de origem mineira e rio-sul-grandense, a saber, Helena Morley (pseudônimo de Alice Dayrell Caldeira Brant), nascida em Diamantina/MG, que migrou para o Rio de Janeiro, onde publicou *Minha vida de menina*, sua única obra publicada; e Lygia Bonjuga, nascida em Pelotas/RS, que se mudou para o Rio de Janeiro, de onde construiu sua carreira literária.

Na obra **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado** (2012), que apresenta os estudos desenvolvidos na pesquisa intitulada **Personagens do romance brasileiro contemporâneo**, Dalcastagnè pontua que as obras literárias publicadas por três editoras brasileiras de relevo (Companhia das Letras, Record e Rocco), no período de 1990 a 2004, eram majoritariamente de autores homens. Numa espécie de Narciso que “acha feio o que não é espelho”, a pesquisa apontou ainda que as narrativas dessas obras também eram permeadas por “homens



brancos, sem deficiências, adultos, heterossexuais, urbanos, de classe média”. (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 218).

Outro apontamento trazido por Dalcastagnè (2012), baseado na pesquisa, e que cabe destacar, é que os autores referenciados no estudo estão concentrados no eixo Sul-Sudeste do país:

Há também uma notável concentração geográfica. Quatro estados da federação são o local de nascimento de mais de 70% dos escritores e escritoras do *corpus* – Rio de Janeiro (36,4%), São Paulo (13,3%), Rio Grande do Sul (12,7%) e Minas Gerais (10,9%). Quando o foco é o local de moradia, a disparidade é ainda maior: mais de 60% estão concentrados nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, ao passo que a região Norte inteira fica com apenas dois representantes (1,2%), ambos no Amazonas; a região Centro-Oeste com sete (4,2%), todos do Distrito Federal, e a Nordeste, com mais oito (4,8%). Um contingente expressivo (6,1%) reside no exterior. A esmagadora maioria dos autores e autoras vive em capitais (90,3%). (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 237).

Por um lado, quando refletimos sobre o posicionamento geográfico, fincado no eixo Norte-Nordeste, de

parte expressiva das escritoras brasileiras lidas, parece haver o indício de certa instauração de territórios literários outros, capazes de sustentar trajetórias de escrita sem a necessidade de deslocamento para as regiões tradicionalmente associadas ao mercado editorial. No mesmo fluxo, a escolha pela leitura dessa literatura indica um movimento de descentralização das referências literárias nacionais.

Por outro lado, no que concerne às autoras estrangeiras lidas pelo grupo, nos anos 2023 e 2024, revelou-se majoritária a escolha por obras de escritoras dos países do Norte Global<sup>2</sup> (Alemanha, Estados Unidos, França, Inglaterra, Itália e Portugal), em contraste com as obras eleitas de escritoras de países da África e da América Latina (Argentina, Chile, Marrocos e Nigéria).

Ademais, cabe reconsiderarmos a inserção de Muriel Barbery, autora de **A elegância do ouriço**, no rol de escritoras africanas, uma vez que, embora tenha nascido no Marrocos, mudou-se com a família para a

---

<sup>2</sup> Termo usado em contraposição a Sul Global, ambos conceituados pelo campo dos estudos pós-coloniais (Dussel, Mignolo, Quijano e outros), para denotar as

desigualdades econômicas, políticas e sociais entre os países “desenvolvidos” e “em desenvolvimento”, provocadas pelo histórico de colonização.



# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 4      Ano II      setembro/2025  
ISSN 3085-7309

França ainda nos dois primeiros meses de vida, construindo sua formação e trajetória literária em território francês. Assim, a presença de escritoras africanas no *corpus* analisado é ainda mais restrita do que o levantamento quantitativo poderia inicialmente sugerir.

No artigo *Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas* (2020), a professora e pesquisadora nigeriana Oyèrónké Oyèwùmí (2020) nos lembra que:

Uma característica marcante da era moderna é a expansão da Europa e o estabelecimento de uma hegemonia cultural euro-estadunidense em todo o mundo. Em nenhuma área essa hegemonia é mais profunda que na produção de conhecimento sobre o comportamento humano, sua história, sociedades e culturas. Como resultado, os interesses, preocupações, predileções, neuroses, preconceitos, instituições sociais e categorias sociais de euro-estadunidenses têm dominado a escrita da história humana. Um dos efeitos desse eurocentrismo é a racialização do conhecimento: a Europa é representada como fonte de conhecimento e os europeus, como conhecedores. (OYÈWÙMÍ, 2020, p. 48)

Nesse sentido, a predominância de autoras europeias e estadunidenses no conjunto de obras

de escritoras estrangeiras sugere a persistência de hierarquias culturais e simbólicas enraizadas em nosso construto ideológico, mesmo em iniciativas que se propõem a desestabilizar outras formas consolidadas de hegemonia, como é o caso de um grupo de leitura voltado para a valorização da autoria feminina.

Tal problemática aponta, portanto, para o desafio de se buscar tensionar tal lógica hegemônica, por meio da ampliação de produções de escritoras africanas e latino-americanas no rol de escolhas do grupo, não apenas como mero gesto de inclusão, mas como estratégia crítica de reconhecimento da pungente literatura produzida no Sul Global.

Depois de visitar os territórios de origem das autoras, detemo-nos à raça/etnia dessas escritoras, o que nos revelou que algumas categorias analisadas se entrelaçam de tal maneira que as implicações de umas incidem sobre as outras.

Tanto no conjunto de autoras estrangeiras, em sua maioria de origem europeia, como no de autoras brasileiras, identificamos o predomínio de mulheres brancas entre as autoras lidas pelo grupo.



# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 4      Ano II      setembro/2025  
ISSN 3085-7309

Nesse sentido, ressaltam-se as presenças negras de Ayòbámi Adèbáyò, autora de **A herança dos bem-aventurados**; Débora Gil Pantaleão, autora de **Volume II. Prosa**; Renata Rodrigues, autora de **E vivemos infelizes para sempre**; e Vanessa Passos, autora de **A filha primitiva**.

Em uma sociedade permeada pelas heranças traumáticas da colonização e da escravização, o racismo opera de modo sutil e sofisticado, muitas vezes por meio de mecanismos que parecem negar a sua existência, mas que só o reafirmam.

Em artigo publicado no Jornal O Povo, intitulado *O espanto de me descobrir negra num país racista* (2022), a escritora cearense Vanessa Passos, uma das autoras lidas pelo grupo, assim descreve o autodescobrir-se negra, com todos os atravessamentos impostos por uma cultura do branqueamento ainda arraigada em nosso tecido social:

Já crescida, meu cabelo cacheado foi ficando ondulado e decidi alisar. Mas, numa conversa com Kika Andrade, amiga escritora cearense que admiro muito, que participou do livro *Poetas negras brasileiras: uma antologia*, organizada por Jarid Arraes, ela me confrontou: “Mas, Van, você é negra”. Eu sabia que

não era branca. Mas passei a vida ouvindo que era morena, ou ainda, que era parda, a opção que sempre respondia nas pesquisas que participava em que precisava me identificar. [...] E eu fui me descobrindo negra numa sociedade racista que sempre quis me branquear e apagar minhas marcas de negritude. Passei a me olhar com atenção e resgatar tudo isso. Meu cabelo ainda é liso. Mas passei a observar meus lábios grossos, minhas axilas que continuam encardidas (e não é sujeira), o bico dos meus seios que é roxo, e não rosinha, meu nariz que é largo. Foi difícil, mas bonito, resgatar a minha identidade perdida. (PASSOS, 2022).

Ante o emaranhado nó que une questões de gênero, raça e classe, a escrita de mulheres negras se insurge como ato político de insubordinação histórica, como enfatiza Evaristo (2005):

O que levaria determinadas mulheres, nascidas e criadas em ambientes não letrados, e quando muito, semialfabetizados, a romperem com a passividade da leitura e buscarem o movimento da escrita. Tento responder. Talvez, estas mulheres (como eu) tenham percebido que se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção da vida. Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua autoinscrição no interior do mundo. E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites,



# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 4      Ano II      setembro/2025  
ISSN 3085-7309

escrever adquire um sentido de insubordinação. Insubordinação que pode se evidenciar, muitas vezes, desde uma escrita que fere “as normas cultas” da língua, caso exemplar o de Carolina Maria de Jesus, como também pela escolha da matéria narrada. A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa grande” e sim para incomodá-los em seus sonos injustos. (EVARISTO, 2005).

Evaristo articula de modo contundente a dimensão política e existencial da escrita enquanto prática de insubordinação. O conceito de escrevivência emerge, então, como categoria crítica que reconhece a escrita de mulheres negras não apenas como representação, mas como ato insurgente, capaz de (re)afirmar existências e experiências historicamente marginalizadas, ao mesmo tempo em que desestabiliza um cânone literário excludente.

Ao analisarmos os anos de publicação das obras lidas, observamos que o grupo se volta majoritariamente para obras contemporâneas, mas não deixa de trazer, aos círculos de leitura e discussão, obras canônicas, a exemplo de **O diário de Anne Frank**. Assim, o grupo parece considerar como relevante (re)visitar autoras já consagradas, mas,

principalmente, demonstra sua receptividade para se deixar visitar por novas escritoras.

Nessa esteira, alinha-se ao que Zolin (2009) explana sobre a abordagem da crítica literária feminista que tem atuado “no sentido de desmascarar os princípios que têm fundamentado o cânone literário, seus pressupostos ideológicos, seus códigos estéticos e retóricos, tão marcados por preconceitos de cor, de raça, de classe social e de sexo, para, então, desestabilizá-lo, reconstruí-lo”. (ZOLIN, 2009, p. 328). Em complemento, a autora enfatiza:

O que se observa, na verdade, é uma reação impulsionada pela descoberta de que o valor estético da literatura canônica não reside apenas no próprio texto, mas em fatores [...] construídos em consonância com os valores da ideologia patriarcal. A intenção é promover a visibilidade da mulher como produtora de um discurso que se quer novo, um discurso dissonante em relação àquele arraigado milenarmente na consciência e no inconsciente coletivos, inserindo-a na historiografia literária. (ZOLIN, 2009, p. 328).

Assim, se a denominada “literatura canônica” não se consolidou apenas pelo valor estético de seus textos, mas também por



# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 4      Ano II      setembro/2025  
ISSN 3085-7309

mecanismos de legitimação social que excluíram ou marginalizaram a produção das mulheres, ao privilegiar, de forma preponderante, obras de autoras contemporâneas, o grupo confronta tradições seculares e cristalizadas ao longo dos tempos.

As obras lidas pelo grupo apresentam temáticas diversas, como memória (de modo mais explícito nos diários); experiências femininas que subvertem desde a noção de amor romântico à de maternidade como condição inerente à mulher; morte e cuidado de si e do outro; deslocamentos territoriais e simbólicos; relações de poder e desigualdades; gênero, raça e classe, incluindo obra que tematiza transgeneridade). Além disso, a presença de obra que abarca ensaios teóricos feministas alimenta um diálogo entre literatura e o campo social e político.

A miríade de temáticas e as formas como estas são trabalhadas, em especial, nos textos literários, destronam qualquer discurso que ainda insista em restringir a produção de autoria feminina a estereótipos e caricaturas de gênero. Nesse sentido, Zolin (2009) destaca:

Por outro lado, a crítica feminista tem mostrado que a produção literária de mulheres após a década de 1960 tem seguido outros direcionamentos. As escritoras, partindo de suas experiências pessoais, e não mais dos papéis sexuais atribuídos a elas pela ideologia patriarcal, debruçam-se progressivamente sobre a sexualidade, identidade e angústia femininas, bem como sobre outros temas especificamente femininos, como nascimento, maternidade, estupro etc. (ZOLIN, 2009, p. 231).

No que se refere aos meios de publicação, constatamos que a maioria das obras foi publicada por editoras já consolidadas no mercado de produção de livros, como Editora 34, Bertrand Brasil, Boitempo, Casa Lygia Bojunga, Companhia das Letras, HarperCollins, José Olympio, Planeta, Record e Sextante.

Da lista de obras analisadas, cabe destacar que três foram publicadas pela Companhia das Letras, a saber, **A elegância do ouriço**, de Muriel Barbery (Marrocos/França); **Minha vida de menina**, de Helena Morley (Minas Gerais); e **Oração para desaparecer**, de Socorro Acioli (Ceará); e duas pelo grupo Record, que são **Herland: a terra das mulheres**, da estadunidense Charlotte Perkins Gilman; e **O**



# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 4      Ano II      setembro/2025  
ISSN 3085-7309

**diário de Anne Frank**, de autoria da jovem alemã que dá nome ao livro. De modo geral, a presença dessas casas editoriais mais renomadas é significativa, na medida em que revela a inserção de mulheres autoras em circuitos de ampla circulação e prestígio.

Faz-se ainda mais relevante quando retomamos os estudos de Dalcastagnè (2012) acerca das obras literárias publicadas pela Companhia das Letras, Record e Rocco, entre 1990 e 2004, que apontou que, nessas editoras, “os homens [foram] quase três quartos dos autores publicados: 120 em 165, isto é, 72,7%”. (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 233).

Se esses espaços editoriais foram historicamente marcados pela predominância masculina em seus catálogos, ante os tensionamentos engendrados pela crítica literária feminista e pelas próprias autoras e leitoras, progressivamente vão sendo impelidos a publicar mais escritoras mulheres.

Ao mesmo tempo, de modo a não incorrerem em qualquer análise ingênua, há de se considerar que esse movimento das editoras pode ser compreendido, também, como estratégia mercadológica. Afinal,

num contexto em que se amplia, de um lado, a circulação de debates sobre representatividade feminina e, de outro, o interesse de um público, cada vez mais amplo, em ler obras escritas por mulheres, para as editoras se torna economicamente vantajoso imprimir representatividade em seus catálogos.

Faces de uma mesma moeda, a representatividade pode ser apropriada como valor simbólico e, ao mesmo tempo, como produto cultural rentável, o que pode fazer com que o viés político da visibilização das autoras se dilua em uma lógica de mercado que, mais do que questionar estruturas, tende a reproduzi-las sob novas roupagens. No caso da obra literária, para não perdermos a metáfora, sob novas capas.

No que toca às editoras independentes que publicaram algumas das obras analisadas (Escaleras, Mezanino Editorial, Mídia Gráfica e Editora, Quixote, Urutau e Viseu), cabe considerar que, em geral, elas se voltam a publicar escritores e escritoras que residem no eixo Norte-Nordeste, ou em cidades afastadas dos grandes centros urbanos do país, sendo



# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 4      Ano II      setembro/2025  
ISSN 3085-7309

cruciais para fazer ecoar vozes locais que estão a iniciar suas incursões pela literatura.

Nesse ponto, cabe frisar que, nos últimos anos, houve o surgimento expressivo de editoras que se dedicam exclusivamente à publicação de obras de autoria feminina, como a Editora Voz de Mulher, criada pela escritora Telma Ventura; a Janela Amarela Editora, criada pela jornalista Ana Maria Leite Barbosa e sua filha, Carolina Engel, formada em *marketing*; e a Dita Livros, da jornalista e editora Luciana Benatti, para citar alguns exemplos.

Desestabilizando um mercado editorial que historicamente espelha e reproduz a estrutura social patriarcal, tais iniciativas desempenham um papel fundamental no combate ao apagamento das mulheres na literatura. Ao dar voz e visibilidade às escritoras, essas editoras atuam na perspectiva de promover uma representação mais equitativa na literatura, enriquecendo o panorama literário. Em outros termos, ao publicar obras de diferentes gêneros, estilos e temas, contribuem para a diversificação do cânone literário, que, definitivamente, não é um

estático e imutável, como a própria história da literatura nos revela.

Cabe destacar a iniciativa da Janela Amarela Editora, que, desde a sua criação, vem publicando obras de autoras dos séculos XIX e XX que foram negligenciadas na época de sua produção. A editora Carolina Engel, uma das responsáveis pela Janela Amarela, revela a motivação para o projeto: “Eu estava lendo muitos clássicos ingleses e me perguntando: ‘Estou lendo as inglesas todas que escreveram por volta de 1800, e cadê as brasileiras? Ninguém escrevia nessa época?’” (TOKARNIA, 2022).

Partindo de um trabalho minucioso de pesquisa, que inclui investigar os paradeiros de edições únicas e, algumas vezes, incompletas, bem como o diálogo com estudiosas das autoras, as mulheres à frente da Janela Amarela já publicaram obras de autoras como Cândida Fortes Brandão, Chrysanthème (pseudônimo de Cecília Moncorvo Bandeira de Mello Rebello de Vasconcellos), Francisca Clotilde, Ignez Sabino e Júlia Lopes de Almeida.

Ao publicar obras de autoria feminina, quer sejam aquelas de séculos passados, encobertas pelo



# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 4      Ano II      setembro/2025  
ISSN 3085-7309

véu da estrutura patriarcal, ou as produções de autoras contemporâneas, essas editoras desempenham um papel imensurável tanto para o fortalecimento da memória literária brasileira quanto para a construção de um cânone que não mais pode ignorar a participação das mulheres na literatura.

## **Leia Mulheres e ativismo cultural**

Além dos encontros para discussão das obras lidas, o Leia Mulheres de Campina Grande tem construído uma trajetória de ativismo político-cultural no território onde está inserido, por meio da organização de eventos culturais e do engajamento com frentes de luta política que pautam os direitos das mulheres.

Desde 2017, por exemplo, o grupo organiza o Festival Viva Mulheres,

evento que tem por objetivo divulgar e fortalecer o trabalho realizado por mulheres artistas da cidade.

A ação é realizada no mês de março, em alusão ao Dia Internacional da Mulher, e se configura como um espaço para promover a visibilidade da mulher não apenas na literatura, como também em outras esferas do fazer artístico – na música, na dança e nas artes plásticas, por meio de apresentações artísticas, exposições, feirinhas, palestras e oficinas.

Além do Festival Viva Mulheres, o coletivo também promove o Sarau Mulheres de Peito, realizado em alusão ao *Outubro Rosa*, mês dedicado à conscientização, prevenção e diagnóstico precoce do câncer de mama. As programações reúnem debates e apresentações artísticas que buscam sensibilizar as mulheres sobre a temática.



# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 4      Ano II      setembro/2025  
ISSN 3085-7309

FIGURA 5



*Card* de divulgação do III Festival Viva Mulheres, realizado em 2019  
Fonte: *Instagram* do Leia Mulheres de Campina Grande, 2019.



# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 4      Ano II      setembro/2025  
ISSN 3085-7309

FIGURA 6

**II Sarau**  
**Mulheres de Peito**  
27/10  
Livraria Nobel  
Campina Grande - PB

- Ⓞ 15h - Mesa Redonda  
Artigo "O Câncer de mama: uma revisão de literatura",  
de Maria do Socorro Bezerra Queiroz de Araújo.  
Mediadoras: Jéssica Salvino e Vitória Medeiros  
Participação da Dra. Cristiane Santos Araújo, Médica Mastologista
- Ⓞ 15h - Exposição de desenhos e fotografias autorais
- Ⓞ 16h - Espetáculo Aflorarte - Coletivo Sonoras

Realização  
**Leia MULHERES**

## Card de divulgação do II Sarau Mulheres de Peito, realizado em 2018

Fonte: *Instagram* do Leia Mulheres de Campina Grande, 2018.

Outro desdobramento interessante é a integração do Leia Mulheres à Feira Literária de Campina Grande (FLIC), parceria estabelecida em 2019. Desde então, o encontro mensal do grupo de leitura passou a ser incorporado à programação oficial da festa literária da cidade, no mês em que esta se realiza, muitas vezes com a participação presencial da escritora lida.

Em 2018, o coletivo integrou a programação do Encontro Nacional do Mulherio das Letras, “grupo literário [...] voltado para a reunião, revelação e para o auxílio de mulheres ligadas às letras – sejam elas escritoras, editoras, acadêmicas ou mesmo *designers*”. (D’Ângelo, 2017). As atividades culturais foram realizadas em Campina Grande, contando com declamações de poemas e apresentações musicais.



# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 4      Ano II      setembro/2025  
ISSN 3085-7309

FIGURA 7



Card de divulgação do Encontro Mulherio das Letras em Campina Grande  
Fonte: *Instagram* do Leia Mulheres de Campina Grande, 2018.

Em 2019, o Leia Mulheres de Campina Grande também integrou programação do Encontro da Nova Consciência, evento ecumênico realizado há mais de 20 anos na cidade, participando de mesa-redonda denominada *Resistência feminista e a luta das mulheres*.

Além dos já citados, as mediadoras do círculo de leitura também participam de eventos realizados por instituições de ensino da cidade, por meio de rodas de conversa que versam sobre



FIGURA 8

**MESA REDONDA:  
AUTORIA FEMININA E INTERCULTURALIDADE**

		
<b>Afro-Deutsch:</b> poética da Relação na obra de May Ayim	Experiência do <b>Leia Mulheres</b> em Campina Grande	Gênero e suicídio em <b>Suite de Silêncios</b> , de Marília Arnaud
<small>Mylena Queiroz, professora substituta da UAL-UFCC, estudante de alemão pela D.U.O./UFCC, doutoranda em Literatura e Interculturalidade pela UEPB.</small>	<small>Jéssica Salvino, Mediadora do Leia Mulheres-CG, professora de História, Integrante do Bruta Flor Coletivo Feminista.</small>	<small>Rianny Silveira, graduanda em Letras - Língua Portuguesa pela UFCC, Pesquisadora de literatura de autoria feminina paraibana.</small>
		
Lançamento de <b>Orgasmos da Alma</b> , de Iviny	A construção identitária de <b>Assia Djebar</b>	O entrelugar em <b>Persépolis</b> , de Marjane Satrapi
<small>Iviny Araujo, graduanda em Letras - Língua Portuguesa pela UFCC, Pesquisadora de literatura de autoria feminina e na área de infantojuvenil.</small>	<small>Rennally Soares, professora substituta da UAL-UFCC, doutoranda em Literatura e Interculturalidade pela UEPB</small>	<small>Milena Gemir, graduanda em Letras - Português/Francês pela UFCC. Participa do PIBIC na área de Literatura infantil.</small>

**Sala 15 (Auditório de Ciências Sociais)  
UFCC - 26 de Novembro, às 18:00**

**Card de divulgação de evento realizado na UFCC, com participação de mediadora do Leia Mulheres de Campina Grande**

Fonte: *Instagram* do Leia Mulheres de Campina Grande, 2019

Cabe ressaltar que os encontros presenciais do grupo sempre ocorreram em espaços culturais da cidade. Assim, a Biblioteca do Teatro Municipal Severino Cabral, o Centro Cultural Lourdes Ramalho e a

Livraria Nobel de Campina Grande já foram alguns dos locais que acolheram os encontros do grupo de leitura. Atualmente, as reuniões têm ocorrido no Museu de Arte Popular da Paraíba, situado no Centro da



# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 4      Ano II      setembro/2025  
ISSN 3085-7309

cidade. Essa escolha não é circunstancial, afinal, ao se inserir nesses espaços, o grupo reafirma a importância de haver a ocupação de equipamentos culturais como espaços de circulação de saberes, de convivência e de valorização das artes.

Ao mesmo tempo em que se beneficia da infraestrutura e da legitimidade desses locais, o coletivo também contribui para dinamizar a vida cultural da cidade, fomentando práticas de leitura, fortalecendo vínculos comunitários e ampliando o alcance da autoria feminina no cenário cultural de Campina Grande.

Cabe ressaltar que essa inserção do Leia Mulheres no circuito cultural da cidade de Campina Grande revela o protagonismo de suas integrantes, em especial, de suas mediadoras, na articulação de iniciativas que consolidam o papel do grupo como agente de promoção cultural, demonstrando sua capacidade de alargar os limites de um clube de leitura, denotando-o, também, como movimento cultural e político de resistência e valorização das mulheres no campo artístico local e nacional.

## Conclusão

Ao longo destas reflexões, buscamos refletir sobre a trajetória do movimento Leia Mulheres, com ênfase nas práticas do grupo de Campina Grande/PB, de modo a compreender como suas escolhas de leitura, seus encontros e suas ações culturais constituem não apenas um exercício literário, mas também um gesto político e de resistência. A análise das obras lidas nos anos de 2023 e 2024 evidencia a pluralidade de vozes femininas que atravessam o grupo, revelando uma abertura para diferentes gêneros, temáticas e experiências.

Constatamos, entretanto, a permanência de desafios, como a predominância de autoras brancas e a forte presença de escritoras do Norte Global entre as estrangeiras selecionadas, o que sinaliza a necessidade de tensionar a lógica hegemônica e ampliar a visibilidade de produções do Sul Global, especialmente de mulheres negras, indígenas e latino-americanas. Ainda assim, o grupo demonstra movimento de descentralização, ao valorizar autoras do Norte e Nordeste do Brasil, contrariando a lógica de concentração editorial no eixo Sul-Sudeste.



# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 4      Ano II      setembro/2025  
ISSN 3085-7309

O Leia Mulheres de Campina Grande também se distingue por extrapolar o espaço da leitura compartilhada, projetando-se como agente de ativismo cultural na cidade, por meio da realização e da participação em eventos que promovem a visibilidade e o reconhecimento das mulheres em diferentes áreas artísticas. Tal atuação consolida sua relevância como movimento que articula literatura, cultura e política, contribuindo para transformar imaginários sociais e fortalecer redes de solidariedade entre mulheres.

Nesse sentido, o movimento reafirma que a literatura de autoria feminina não pode mais ser compreendida como marginal ou periférica, mas como parte central e indispensável do tecido cultural. Ao privilegiar a escuta, a troca e a construção coletiva de sentidos, o Leia Mulheres de Campina Grande revela que ler mulheres é também um ato de ressignificar a história literária, de reconfigurar o cânone e de produzir futuros mais inclusivos e plurais.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAJOUR, Cecília. **Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura.** Tradução de Alexandre Morales. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

CERTEAU, Michel de. **Ler: uma operação de caça.** In: A invenção do cotidiano: artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 236-248.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado.** Vinhedo: Editora Horizonte; Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2012.

D'ÂNGELO, Helô. **Conheça o Mulherio das Letras, articulação de autoras por igualdade no mercado editorial.** In: Revista Cult, jun., 2017. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/mulherio-das-letras-grupo-nacional-de-autoras-por-igualdade-no-mercado-editorial>. Acesso em: 3 set. 2025.

EDITORA JANDAÍRA. **Descrição geral.** Leia Mulheres: contos (volume I). Disponível em: <https://www.editorajandaira.com.br/leia-mulheres-volume-1-contos>. Acesso em: 11 set. 2025.

EVARISTO, Conceição. **Da grafia-desenho de minha mãe: um dos lugares de nascimento de minha escrita.** Texto apresentado na Mesa de Escritoras Afro-Brasileiras, no XI Seminário Nacional Mulher e Literatura/II Seminário Internacional Mulher e Literatura, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/da-grafia-desenho-de-minha-maeum-dos-lugares-de-nascimento-de-minha-escrita>. Acesso em: 11 set. 2025.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas.** In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020, p. 83-95.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Inútil poesia e outros ensaios breves.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

TOKARNIA, Mariana. **Mãe e filha criam editora para lançar autoras brasileiras.** Agência Brasil. Rio de Janeiro. 08/07/2022. Acesso em 28.09.2025. <https://encurtador.com.br/3s3y9>

WALSH, Joanna. **#Readwomen2014: the next chapter.** In: The Guardian, 8 dez. 2014. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/booksblog/2014/dec/08/readwomen2014-year-discoveries-writing-campaign>. Acesso em: 7 set. 2025.



# IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem  
Nº 4      Ano II      setembro/2025  
ISSN 3085-7309

ZOLIN, Lúcia Osana. **Crítica feminista.** In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (org.). Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009, p. 217-242.

---

<sup>i</sup> Professora adjunta na Universidade Federal de Campina Grande/PB

<sup>ii</sup> Mestranda em Estudos Literários na Universidade Federal de Campina Grande/PB.